

MIGRAÇÃO, MENDIGOS E MISÉRIA

De 1980 para cá, as migrações no Estado aumentaram em 1.555%. Muitas dessas pessoas vivem de esmolas.

Fernando Künsch

Desde o início da década, a migração interna no Espírito Santo cresce em média 80% ao ano, contribuindo para aumentar a mendicância nas ruas de Vitória. O motivo principal, segundo a Secretaria de Estado da Ação Social (Seas), é a industrialização crescente do Estado nos últimos 20 anos. Existem hoje na capital cerca de 80 mendigos considerados "profissionais" pelo órgão, além de um número incontável de pedintes já no último estágio de pobreza.

Em 1980, só a Seas atendeu em torno de 1.800 pessoas vindas do interior do Estado (cerca de 70%), do sul da Bahia, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro e de São Paulo. Mas de janeiro a dezembro do ano passado esse número aumentou 1.555,6%: a Secretaria atendeu a aproximadamente 28 mil pessoas que pediam passagens, alimentação, roupas, terrenos e barracos, entre outras coisas.

SOBRA

Segundo o sociólogo Erli dos Anjos, grande parte dos migrantes que chegam ao Estado permanece vagando pelas ruas, em busca de meios de sobrevivência melhores aos que tinham em seus locais de origem. Uma



O processo de industrialização lega a muitas pessoas apenas a mendicância

minorias consegue se estabelecer e obter emprego, mas a grande maioria "sobra" no sistema e é obrigada a se alojar em baixo de pontes, marquises e em praças.

Para Erli dos Anjos, o problema é "marca registrada" do sistema capitalista, que não absorve toda a mão-de-obra disponível e utilizada apenas em determinadas fases da industrialização. No Espírito Santo ocorreu isso com a duplicação de grandes empresas, como CST e Aracruz Celulose, que atraíram muitos migrantes para o Estado que não foram aproveitados.

O sociólogo lembra as sociedades que conseguiram erradicar a mendicância através da pressão das camadas populares e por meios revo-

lucionários, citando os exemplos de Cuba e Nicarágua. "No Espírito Santo, assim como em todo o Brasil, isso não foi possível, já que o processo de industrialização se deu em um período de ditadura militar, que abafava qualquer reclamação popular", diz ele.

O crescimento da mendicância, para Erli dos Anjos, está diretamente relacionado à crise econômica: "A falta de capacidade do País para resolver seus problemas aumenta ainda mais a crise, que por sua vez reproduz o número de mendigos". Segundo ele, a saída não depende apenas do Governo, mas também da sociedade, que não deve simplesmente dar esmolas, o que apenas contribui para o aumento da clientela.

Quem conhece o sonho do mendigo?

A mendicância pode encerrar, dependendo do caso, desespero ou esperança. Há quem não veja mais saída, em contraste com os que esperam mudar de vida com o dinheiro da esmola. A diferença parece ligar-se à idade do pedinte, já que o idoso prefere muitas vezes a morte a ficar vagando pelas ruas da cidade, esperando esmolas, enquanto o mendigo jovem sonha vencer na vida.

Um exemplo de desespero é o de Luzia Souza Pedro, 54 anos, que anda com dificuldade por ter sido atropelada seis vezes. Ela apelou para a mendicância há quatro anos, já que a venda de bilhetes de loteria não lhe proporcionava meios de sobrevivência. Seu ponto de "trabalho" é em frente ao Banco do Brasil, no centro, conseguindo ganhar uma média de NCz\$ 4,00 por dia.

"Peço a Deus para morrer, pois minha vida não tem mais jeito", desabafa Luzia Pedro. Ela mora em um barraco em Flexal, é viúva e tem uma filha de 12 anos, que já é obrigada a trabalhar como babá para ajudar na compra de alimentos. Luziadiz que nunca recebeu qualquer ajuda de órgãos oficiais, e está brigando por sua aposentadoria.

Pela mesma situação passa Pedro João Brito, 87 anos, morador de São Torquato, que é casado e cria dois netos, depois que seu filho morreu assassinado. Ele enxerga e escuta muito mal, e mendiga há três anos no mesmo ponto, na rua Barão de Itapemirim, no centro da cidade, ganhando até NCz\$ 5,00 por dia.

Antigamente Pedro Brito era carregador, mas a idade o impede de trabalhar. Ele mendiga para comprar manti-

mentos, apesar de admitir que sente vergonha. Sempre "abençoando" quem o ajuda, espera também um dia conseguir ajuda oficial, apesar de achar que não viverá muito tempo para gozar qualquer benefício.

COSTUME

Para Horácio Luiz Furtado, 31 anos, que há mais de dez anos pede esmolas em frente ao Hotel Cannes, no centro, "mendigar já é costume". Ele tem as duas pernas feridas do joelho para baixo, segundo ele resultado de uma mordida de cachorro. Horácio garante que ganha apenas NCz\$ 40,00 por mês. Morador de Carapina, com seus quatro irmãos, investe em comida e roupas todo o dinheiro arrecadado. Nos fins de semana, vai mendigar na subida do convento.

Menor pensa em estudar e também ser alguém na vida

O menor mendigo tem sempre o sonho de um dia ter condições de estudar e de ser "alguém" na vida. Apenas uma minoria tem chances de ser amparada por uma família ou consegue arrumar emprego. Os garotos João Luiz Torres dos Santos (10), José Mathias de Jesus (9) e Júlio César de Almeida (10) são exemplos da falta de amparo decorrente da divisão da família, ou da falta de ação dos órgãos oficiais.

João Luiz morava em Colatina com a mãe e o padastro, que o espancava muito. Há duas semanas chegou em Vitória de carona, e aos poucos se aproximou de outros garotos de rua. Ele não tem coragem de roubar, apenas de pedir dinheiro e comida, conforme afirma, e diz que ganha NCz\$ 1,00 por dia. Um dia espera ser médico, apesar de

ter cursado apenas a 1ª série do 1º grau.

José Mathias nasceu em Ilhéus e nunca estudou. Ele chegou a Vitória no início do ano junto com os pais, que moram em Flexal. Por ter sido espancado várias vezes (tem diversas marcas nas pernas e nas costas), ele decidiu sair de casa e pede dinheiro para comer, ganhando de NCz\$ 0,50 a NCz\$ 1,00 por dia. "Espero um dia ser um homem e ter um carro novinho", afirma o garoto.

"Quero estudar e um dia ser policial", observa Júlio César, que abandonou os estudos na 2ª série do 1º grau. Ele foi apanhado pelo Juizado de Menores, mas liberado em seguida para morar com o pai em uma barraca do terminal Dom Bosco. A mãe separou-se do marido e foi para Nanaque.



O Cest tem capacidade para apenas 30 internos

Entidade assistencial funciona em São Sebastião

O atendimento da Secretaria de Ação Social (Seas) aos mendigos de Vitória e às pessoas carentes que diariamente chegam à cidade, alimentadas com o sonho de conseguir um bom emprego nas indústrias, é resumido apenas ao Centro Sócio Terapêutico (Cest), que funciona no bairro Novo Horizonte, próximo à antiga zona boêmia de São Sebastião.

Atualmente são atendidas no local 42 pessoas, enquanto a capacidade do Cest é de apenas 30 internos. Para a chefe do setor, Maria Margarida Fontana, a falta de verbas e de espaço físico para o tratamento das pessoas dificulta os trabalhos de assistência social.

TRIAGEM

No último dia sete, em reunião realizada entre membros da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), prefeituras municipais da Grande Vitória, Seas e Secretaria de Planejamento, foi discutida a necessidade da criação de centros de triagem nos municípios, para auxiliar no recolhimento de pessoas sem condições de sobrevivência.

Apenas em Vitória existe um Centro de Triagem, com capacidade para 15 pessoas, que após 15 dias são enviadas ao Cest. Segundo a assistente social Maria Margarida Fontana, apenas os mendigos eventuais permanecem no Cest, já que os profissionais são pessoas sadias que não se acostumam longe das ruas, onde ganham dinheiro facilmente através de esmolas.

Há quatro meses o Cest não recolhe mais esse tipo de mendigo, que deve ter um tratamento diferenciado, segundo a assistente social. "A população simplesmente não deve dar esmolas, que acomodam, mas enviar essas pessoas aos órgãos oficiais". Adiantou, entretanto, que isso só será possível após a reestruturação das instalações existentes e a construção de novas unidades de tratamento.

Além da previsão da criação dos centros municipais de triagem, a Seas objetiva ainda a implantação de um serviço de atendimento ao migrante na Rodoviária de Vitória. No local será mais fácil atender às pessoas que chegam à cidade, e que não têm o que fazer ou para onde ir.